



ANAIS



III CEPIAL

CONGRESSO DE CULTURA
E EDUCAÇÃO PARA A INTEGRAÇÃO
DA AMÉRICA LATINA

Semeando Novos Rumos

www.cepial.org.br
15 a 20 de julho de 2012
Curitiba - Brasil



ANAIS



III CEPIAL

CONGRESSO DE CULTURA
E EDUCAÇÃO PARA A INTEGRAÇÃO
DA AMÉRICA LATINA

Semeando Novos Rumos

Eixos Temáticos:

1. INTEGRAÇÃO DAS SOCIEDADES NA AMÉRICA LATINA
2. EDUCAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO LATINO-AMERICANO:
SUAS MÚLTIPLAS FACES
3. PARTICIPAÇÃO: DIREITOS HUMANOS, POLÍTICA E CIDADANIA
4. CULTURA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA
5. MEIO-AMBIENTE: QUALIDADE, CONDIÇÕES E SITUAÇÕES DE VIDA
6. CIÊNCIA E TECNOLOGIA: PRODUÇÃO, DIFUSÃO E APROPRIAÇÃO
7. POLÍTICAS PÚBLICAS PARA O DESENVOLVIMENTO SOCIAL
8. MIGRAÇÕES NO CONTEXTO ATUAL: DA AUSÊNCIA DE POLÍTICAS
ÀS REAIS NECESSIDADES DOS MIGRANTES
9. MÍDIA, NOVAS TECNOLOGIAS E COMUNICAÇÃO

www.cepial.org.br
15 a 20 de julho 2012
Curitiba - Brasil

ANAIIS



III CEPIAL

CONGRESSO DE CULTURA
E EDUCAÇÃO PARA INTEGRAÇÃO
DA AMÉRICA LATINA

Semeando Novos Rumos

Eixo 4

“CULTURA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA”

www.cepial.org.br
15 a 20 de julho de 2012
Curitiba - Brasil

4. CULTURA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA

MR4.1. Sociedade e Cultura de Fronteira

EMENTA

Esta mesa propõe-se a discutir fronteiras no Prata, contemplando diferentes temporalidades e espacialidades com enfoques voltados aos guaranis, às missões jesuíticas, aos migrantes dos séculos XIX e XX e às ideologias nacionalistas e de integração. Poderão ser trazidos ao debate estudos e reflexões que apontam para relações sociais transfronteiras, para vivências à margem das intencionalidades oficiais e de discursos hegemônicos. A composição da mesa proposta atentou para a inserção interinstitucional, para a interdisciplinaridade e vínculos com programas de pós-graduação que trabalham com fronteiras.

Coordenador: Valdir Gregory – Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE - BRASIL)
Carmen Curbelo: Universidad de la Republica Uruguay - (UDELAR - URUGUAY)
Ernelo Schallenger – Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE – BRASIL)
Jones Dari Goeter: Universidade Federal da Grande Dourados - (UFGD - BRASIL)
Ricardo Carlos Abinzano: Universidad Autónoma de Misiones – (ARGENTINA)

RESUMOS APROVADOS

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL LATINO-AMERICANO: O TRADICIONALISMO E A IDENTIDADE GAÚCHA (autor(es/as): Ana Carolina Rios Gomes)

O RAP ENTRE FRONTEIRAS: PRÁTICAS ESTÉTICO-MUSICAIS LATINO AMERICANAS (autor(es/as): Angela Maria de Souza)
REMANESCENTES DAS REDUÇÕES JESUÍTICAS DE NOSSA SENHORA LORETO E SANTO INÁCIO MINI NA PROVÍNCIA DO GUAIARÁ-1608-1639 (autor(es/as): BERENICE SCHELBAUER DO PRADO)

O CIRCUITO ROCKEIRO NA TRÍPLICE FRONTEIRA (autor(es/as): Franciele Cristina Neves)

A SOCIEDADE DE CONSUMO: ANÁLISES NA FRONTEIRA ENTRE BRASIL E PARAGUAI (autor(es/as): Luana Caroline Künast Polon)

Cortando a cerca: uma escola do campo frente a multiculturalidade contemporânea (autor(es/as): Lydia Maria Assis Brasil Valentini)

Movimento Hip-Hop como manifestação cultural: Uma análise do léxico de letras de rap em Foz do Iguaçu. (autor(es/as): RONALDO SILVA)

INTEGRALIZAÇÃO LATINOAMERICANA: AFIRMAÇÃO CULTURAL OU JOGADA IMPERIALISTA? (autor(es/as): Victor Alves Pereira)

Sankofá- Abaetê: Construindo diretrizes, resgatando nossas raízes (autor(es/as): Vilisa Rudenco Gomes)

SAÚDE SEM FRONTEIRAS - REDE BINACIONAL DE SAÚDE NA FRONTEIRA BRASIL-URUGUAI (autor(es/as): Daniela da Rosa Curcio et alii.)

MR4.2. Apropriação, Usos do Território e Práticas Sociais Diferenciadas

EMENTA

Os trabalhos da presente mesa circunscrevem-se às pesquisas que vêm sendo desenvolvidas pelos participantes, que têm como referência diferentes sujeitos (quebradeiras de coco babaçu, quilombolas, ribeirinhos e trabalhadores rurais dentre outros) e práticas sociais, em distintos contextos. Os trabalhos explicitam diversos aspectos da problemática relativa à organização, apropriação e uso do território. O fio condutor das reflexões está referido às diferentes formas e estratégias utilizadas por esses sujeitos face às definições e redefinições recentes do território.

Coordenador: Joaquim Shiraishi Neto: Universidade estadual do Amazonas - (UEA - BRASIL)
Luís Fernando Cardoso e Cardoso: Universidade Federal do Pará - (UFPA - BRASIL)
Rosirene Martins Lima: Universidade estadual do Maranhão - (UEMA - BRASIL)
Ana Paulina Aguiar Soares: Universidade estadual do Amazonas – (UEA - BRASIL)

MEMÓRIAS DA GUERRA DO CONTESTADO- A CULTURA POPULAR ATRAVÉS DA RELIGIOSIDADE NO MONGE JOÃO MARIA DE JESUS EM MARILÂNDIA DO SUL. (autor(es/as): Bruno Augusto Florentino)

DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL E SUA INTERFACE NOS ASSENTAMENTOS RURAIS DO MUNICÍPIO DE ROSANA-SP (autor(es/as): CLEDIANE NASCIMENTO SANTOS)

REFLEXÕES ENTRE A MANUTENÇÃO DAS IDENTIFICAÇÕES RURAIS E A INFLUÊNCIA DAS MODERNIDADES NA VILA DO DISTRITO DE GUARAGI - PONTAGROSSA (PR) (autor(es/as): FABELIS MANFRON PRETTO)

ÍNDIOS, TAPUIOS E “CABOCOS”. CULTURAS E IDENTIDADES MARGINAIS NA MANAUS DE ONTEM E HOJE. (autor(es/as): PAULO MARREIRO DOS SANTOS JÚNIOR)

TOPOFILIA & TOPOFOBIA – TOPOCIDIO & TOPO-REABILITAÇÃO: A MERCANTILIZAÇÃO DA CULTURA EXPRESSA NO PATRIMÔNIO HISTÓRICO ARQUITETÔNICO E URBANÍSTICO DE DIAMANTINA-MG (autor(es/as): RAHYAN DE CARVALHO ALVES)

ARELAÇÃO SER HUMANO/ NATUREZA – REFLEXÕES A PARTIR DE UM ESTUDO DE CASO. (autor(es/as): ROSANA BARROSO MIRANDA).

MR4.3. Territórios, Memórias e Identidades latino-americanas

As ciências humanas e em especial as sociais desenvolveram no século XX teorias e metodologias para compreender e explicar como se elaboraram concepções de territórios, memórias e identidades, sobretudo na produção intelectual latino-americana. Atualmente, os estudos de caráter socioambiental contribuem sobremaneira com esses avanços, especialmente se forem considerados os aportes da antropologia, da geografia cultural, da história, da psicologia social e da sociologia. Além de localizar esses avanços, é fundamental trazer para o debate os resultados das pesquisas realizadas com esses múltiplos enfoques entre as dimensões da natureza e da sociedade

Coordenação: Salete Kozel – Universidade Federal do Paraná - (UFPR – BRASIL)
Maria Geralda de Almeida: Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade de Goiás - (IESA/UFG – BRASIL)
Álvaro Luiz Heidrich: Universidade Federal do Rio Grande do Sul – (UFRGS – BRASIL)
Sandra Valeska Fernandez Castillo: Universidad de Concepción - (CHILE)
Alicia M. Lindon Villoria: Universidad Autónoma Metropolitana - (UAM – MÉXICO)

www.cepial.org.br

15 a 20 de julho de 2012

Curitiba - Brasil

4. CULTURA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA

“OUTROS” IMAGINADOS: AS REPRESENTAÇÕES DOS CIDADÃOS LATINO-AMERICANOS SOBRE AS CIDADES PRÓXIMAS E DISTANTES (autor(es/as): **carla beatriz santos menegaz**)

100 Anos de História: Alguns Elementos Formadores da Identidade Cultural do Território do Contestado (autor(es/as): **FLAVIA ALBERTINA PACHECO LEDUR**)

Guimarães Rosa no labirinto chamado América Latina (autor(es/as): **iolanda cristina dos santos**)

Los lugares de Memoria como lugares de Aprendizaje, tres estudios de caso: Santiago de Chile y Medellín-Colombia” (autor(es/as): **Karen Andrea Vásquez Puerta**)

A FESTA KALUNGA DE NOSSA SENHORA DE APARECIDA: IDENTIDADE TERRITORIAL E REAPROXIMAÇÃO ÉTNICA (autor(es/as): **Luana Nunes Martins de Lima**)

REPRESENTAÇÕES ESPACIAIS E SIMBÓLICAS: AS IDENTIDADES DAS FESTAS DO BOI-A-SERRA NO CENTRO-OESTE BRASILEIRO (autor(es/as): **Maisa França Teixeira**)

A construção do Patrimônio Cultural a partir do imaginário da população de Marechal Cândido Rondon - PR: um estudo sobre o lugar de memória Casa Gasa (autor(es/as): **Paulo Henrique Heitor Polon**)

A INFLUÊNCIA DO TURISMO NA VALORIZAÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL: O CASO DE SÃO LUÍS DO MARANHÃO (autor(es/as): **Saulo Ribeiro dos Santos**)

IDENTIDADE E FÉ NOS ASSENTAMENTOS RURAIS DE SERGIPE (autor(es/as): **Solimar Guindo Messi as Bonjardim**)

MR4.4. Espaço, gênero e sexualidades na América Latina

EMENTA

A mesa redonda tem como objetivo realizar uma reflexão sobre as relações de gênero que envolvem o processo de organização social, econômica e cultural dos territórios da América Latina, evidenciando as hierarquias e desigualdades baseadas nos papéis sociais insituídos para homens e mulheres.

Coordenadora: Joseli Maria Silva - Universidade Estadual de Ponta Grossa – (UEPG - BRASIL)

Marlene Tamanini: Universidade Federal do Paraná – (UFPR - BRASIL)

Diana Lan: Universidad Nacional del Centro – (UNC - ARGENTINA)

Maria das Graças Silva Nascimento Silva: Universidade Federal de Rondônia – (UFR – BRASIL)

RESUMOS APROVADOS

A MARCHA MUNDIAL DAS MULHERES E A CULTURA DOS MOVIMENTOS SOCIAIS CONTEMPORÂNEOS (autor(es/as): **ALEXANDRA PINGRET**)

PELOTÓN MARIANA GRAJALES: O OLHAR DA REVISTA MUJERES NO ANO DE 1971 (autor(es/as): **Andréa Mazurok Schactae**)

NA ARGENTINA TANGOS, NO BRASIL TRAGÉDIAS! LÁ MATRIMÔNIO IGUALITÁRIO, AQUI UNIÃO CIVIL (autor(es/as): **CHRISTOPHER SMITH BIGNARDI NEVES**)

ECONOMIA SOLIDÁRIA, RELAÇÕES DE GÊNERO E COLETADORES DE MATERIAL RECICLÁVEL: LIMITES E AVANÇOS (autor(es/as): **Edinara Terezinha de Andrade**)

As mulheres do tráfico e a violência de gênero (autor(es/as): **Fernanda Pereira Luz**)

ARTICULAÇÕES EM REDE NA AMÉRICA LATINA: O CASO DE CDDLA E “CATÓLICAS PELO DIREITO DE DECIDIR” NO BRASIL (autor(es/as): **Francine Magalhães Brites**)

OS SUJEITOS NA MARGEM DA CULTURA - CONFLITOS NOS ESPAÇOS EDUCACIONAIS LATINO AMERICANOS (autor(es/as): **Gustavo Luiz Ferreira Santos**)

Habilidades Sociais e Sexualidade: A construção Identitária na Adolescência (autor(es/as): **Priscilla de Castro Campos Leitner**)

AS UNIÕES HOMOAFETIVAS CONFORME O BLOCO DE CONSTITUCIONALIDADE E UMA PROTEÇÃO NORMATIVA GLOBAL: GARANTINDO DIREITOS HUMANOS (autor(es/as): **Rafael da Silva Santiago**)

POLÍTICAS PÚBLICAS DE INCLUSÃO E PERMANÊNCIA DE LGBT NAS ESCOLAS PÚBLICAS DO ESTADO DO PARANÁ: UMA REFLEXÃO SOBRE SUAS APLICABILIDADES NO CONTEXTO DA EJA E PROEJA (autor(es/as): **Reinaldo Kovalski de Araujo**)

O MEDO NA CONSTRUÇÃO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE ADOLESCENTES DO SEXO MASCULINO DA PERIFERIA DE DIFERENTES ÁREAS URBANAS DE PONTA GROSSA, PR (autor(es/as): **RENATO PEREIRA**)

MR4.5. Sociedades Tradicionais: imagens, tempo, espaço e saberes sobre a natureza

EMENTA

Em sua interação com a natureza, com distintas conformações, as chamadas “sociedades tradicionais” ou as sociedades originárias, constroem, historicamente, em seu universo mental, imaginário e práticas ecoprodutivas, uma cultura própria que envolve o conhecimento e respeito aos ciclos e movimentos naturais, atribuindo significado à sua vida material e imaterial – aos espaços ou territórios de que fazem parte. Isso envolve ritmos de tempo diferenciados dos ritmos caracteristicamente produtivistas que regem as sociedades urbano-industriais, os quais se pautam, fundamentalmente, numa temporalidade cronometrada e aritmetizada – no tempo da fábrica. Contrapor essas diferentes culturas, em sua lógica própria, focalizando, particularmente, as imagens, ritmos temporais, territorialidades e saberes patrimoniais das “sociedades tradicionais” e/ou originárias, significa pensarmos numa política de futuro na qual se inscreva o grande legado que tais sociedades detêm no trato com a natureza, com base em sua cosmovisão, práticas e expressões culturais próprias, para a construção de novas formas societárias, numa síntese histórica, de futuros inéditos.

Coordenadora: Lúcia Helena de Oliveira Cunha: Universidade Federal do Paraná (UFPR – BRASIL)

Carlos Galano: Universidad Nacional de Rosario - (UNR- ARGENTINA)

Carlos Walter Porto Gonçalves: Universidade Estadual do Rio de Janeiro - (UERJ- BRASIL)

Liliana Porto: Universidade Federal do Paraná - (UFPR-BRASIL)

Arturo Argueta: Universidad Nacional Autónoma de México - (UNAM-MÉXICO)

www.cepial.org.br

15 a 20 de julho de 2012

Curitiba - Brasil

RESUMOS APROVADOS

MULTICULTURALISMO, TURISMO E COMUNIDADES TRADICIONAIS: CAMPOS DE COEXISTÊNCIA E VIVENCIALIDADE? (autor(es/as): **Isabel Jurema Grimm**)

Seringueiros do Acre - Imaginário e Paisagem Cultural (autor(es/as): **Janaína Mourão Freire**).

AS PAISAGENS CULTURAIS DO/NO ESPAÇO FESTIVO DA COMUNIDADE ENGENHO II EM CAVALCANTE – GOIÁS: UM OLHAR À LUZ DA GEOGRAFIA CULTURAL (autor(es/as): **JORGEANNY DE FATIMA RODRIGUES MOREIRA**)

RECONHECIMENTO DAS ICCAS (ÁREAS CONSERVADAS POR COMUNIDADES INDÍGENAS E LOCAIS) NAS POLÍTICAS DE CONSERVAÇÃO AMBIENTAL: DISCUSSÕES ATUAIS. (autor(es/as): **Luciene Cristina Rizzo**)

MR4.6. História e Literatura na América Latina

EMENTA

Na produção historiográfica recente, a literatura vem surgindo como uma fonte que oferece importantes recursos de análise da sociedade. Incorporada solidamente no conjunto de inovações de fontes, métodos e problemáticas que há algumas décadas transformaram a experiência da pesquisa histórica, a literatura está presente hoje numa pluralidade de estudos que pretendem compreender o intrincado universo das experiências mais subjetivas de homens e mulheres. Na América Latina a literatura tem ocupado importante papel no movimento da sociedade. Seja ela abordada desde o ponto de vista da materialidade do livro, da localização social do escritor, de suas “redes de interlocução”, bem como numa análise dos significados do texto, das representações da realidade que ele traz. Pensar a América Latina desde o ponto de vista dessa relação é a reflexão central que norteia o debate aqui proposto

Coordenadora: Ana Amélia de Moura C. de Melo: Universidade Federal do Ceará (UFC - BRASIL)

Tracy Devine Guzman: Duke University of Miami – (ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA)

Soledad Falabella Luco: Universidad Diego Portales – (UDP - CHILE)

Adelaide Maria Gonçalves Pereira: Universidade Federal do Ceará – (UFC - BRASIL)

Ivone Cordeiro Barbosa: Universidade Federal do Ceará – (UFC - BRASIL)

RESUMOS APROVADOS

Cartas de Nova York - José Martí Correspondente (autor(es/as): **Amanda Leite de Sampaio**)

O TURISTA APRENDIZ, DE MÁRIO DE ANDRADE VERSUS EL ZORRO DE ARRIBA Y EL ZORRO DE ABAJO, DE JOSÉ MARIA ARGUEDAS – UMA APROXIMAÇÃO LITERÁRIA E SOCIOLÓGICA NO PANORAMA LATINO AMERICANO (autor(es/as): **CRISTIANO MELLO DE OLIVEIRA**)

O espaço da ficção na identidade em invenção e memória, de Lygia Fagundes Telles (autor(es/as): **Fernando de Moraes Gebra**)

Jorge Luis Borges e o Populismo Argentino (1946-1955) (autor(es/as): **Fernando de Moraes Gebra**)

Bahia 1860: o Brasil de Maximiliano (autor(es/as): **Flávia Silvestre Oliveira**)

OS INTELLECTUAIS E A NOVA ATENAS: Um estudo das representações nas obras dos literatos maranhenses no início da Primeira República (autor(es/as): **PATRICIA RAQUEL LOBATO DURANS**)

MR4.7. - Interculturalidade, Identidades e Arte Latinoamericana.

EMENTA

A mesa propõe-se a discutir as questões anunciadas, do ponto de vista da crítica de arte e dos artistas, aqui representados por Hector Guido (teatro) e Pavel Egúez (artes plásticas). A partir do enfoque das políticas de subjetivação e suas interfaces (Suely Rolnik) e da interculturalidade que se acentua na resistência da arte em tempos globais, observada, sobretudo, nas zonas transitórias (Ticio Escobar), quer desencadear o debate sobre os recursos críticos e expressivos que se manifestam na arte atual da nossa América, frente ao “esteticismo brando” regido pelos mercados globais, que desvia o capital simbólico e gera territórios homogeneizados

Coordenadora: Mariza Bertoli – Universidade de São Paulo – (USP – BRASIL)

Maria José Justino: Escola de Música e Belas Artes do Paraná - (EMBAP-PR - BRASIL)

Ticio Escobar: Ministro da Cultura do Paraguai - (PARAGUAY)

Hector Guido: Diretor de Cultura de Montevideu - (URUGUAI)

Gustavo Pavel Egúez: Artista Plástico - (EQUADOR)

RESUMOS APROVADOS

Entre balas e belas - Comunicação e Moda nas favelas cariocas (autor(es/as): **Alexandra Santo Anastacio**)

PAISAGENS CULTURAIS E FRONTEIRAS (autor(es/as): **Beatriz Helena Furlanetto**)

INDÍGENAS: ENTRE REPRESENTAÇÕES E DISCURSOS (autor(es/as): **Eder Augusto Gurski**)

DE LA CULTURA ORAL A LA DIGITAL: SABERES, MEMÓRIAS Y NARRATIVAS EN LA TRANSCULTURA. PERSPECTIVAS DESDE LA UNIVERSIDAD INDÍGENA DE VENEZUELA (autor(es/as): **Fabiana Anciutti Orreda**)

O ATOR E O GRUPO: DISCURSOS SOBRE O TEATRO FEITO NA UNIVERSIDADE (autor(es/as): **JEAN CARLOS GONÇALVES**)

FESTAS POPULARES E SUAS REPRESENTAÇÕES IMAGÉTICAS: LUGAR DE PROMOÇÃO DO PERTENCIMENTO E VALORIZAÇÃO DAS CULTURAS SUBALTERNAS. (autor(es/as): **Katia Maria Roberto de Oliveira Kodama**)

ASPECTOS DA ECONOMIA CRIATIVA NO MERCOSUL A Indústria Fonográfica como fator de aproximação entre Brasil e Argentina (2003 – 2011) (autor(es/as): **marcello de souza Freitas**)

SUSTENTABILIDADE CULTURAL: MANUTENÇÃO, CONSERVAÇÃO E DIFUSÃO DE PEQUENOS ACERVOS - RELATO DE EXPERIÊNCIA (autor(es/as): **Rafael Schultz Myczkowski**)

FALA JUVENTUDE! UM ESTUDO SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE JUVENTUDE, CULTURA E LAZER (autor(es/as): **Sandra Rangel de Souza**)

O Autorretrato Ampliado (autor(es/as): **Terezinha Pacheco dos Santos Lima**)

www.cepial.org.br

15 a 20 de julho de 2012

Curitiba - Brasil



O MEDO NA CONSTRUÇÃO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE ADOLESCENTES DO SEXO MASCULINO DA PERIFERIA DE DIFERENTES ÁREAS URBANAS DE PONTA GROSSA, PR

Renato Pereira
pgeographo@gmail.com

Resumo: O objetivo do presente ensaio é realizar um levantamento dos principais autores que discutem o conceito de espaço na Geografia. A interlocução que segue apresenta a tentativa de amarrar o conceito de espaço enquanto discurso da ciência à possibilidade de levantamento de discursos de sujeitos que produzem o espaço/urbano. Discutir a evolução de um conceito significa exteriorizar o que foi construído ao longo de uma trajetória enquanto produto da ciência. Ao perceber que alguns autores não figuram nesse leque discursivo, percebe-se que a ciência, assim como a sociedade, é altamente excludente. Ao se elevar algumas falas a discursos de autoridade pode se perguntar, assim como Santos (1978), se realmente houve algum paradigma geográfico.

Palavras-chave: espaço; urbano; masculinidades; overview.

INTRODUÇÃO

Os últimos dez anos do século XX são um marco para a Geografia brasileira. De acordo com Silva e Ornat (2011), é neste período que estudos envolvendo Geografia e gênero tiveram sua difusão. Mesmo considerados periféricos, grupos de pesquisas brasileiros alavancaram suas publicações, passando a realizar estudos no prisma do gênero, considerado em sua multiplicidade e dando voz a grupos não hegemônicos. Um exemplo é o Grupo de Estudos Territoriais – GETE, da Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG, em que esta pesquisa está inserida. Não obstante, ao se considerar a totalidade das publicações na área de gênero na Geografia brasileira, vê-se o fortalecimento do estudo das feminilidades em detrimento aos estudos que envolvem juventude e masculinidade.

Entender a complexidade do urbano é algo imprescindível para se fazer Geografia na atualidade, pois, ao se realizar estudos que envolvam fenômenos espaciais, observa-se



na sua essência a contradição de um modo de produção que privilegia a exclusão e a marginalização, daí a necessidade de se levantar as representações dos diversos grupos que habitam as cidades. Muitas podem ser as representações, diversos fenômenos podem ser observados, o que resulta na construção de novas teses sobre as faces do real.

Sendo assim, o presente trabalho subdivide-se em dois atos. No primeiro, se propõe a realizar um levantamento das principais ideias sobre o conceito de espaço na Geografia. Abordar-se o espaço como corolário da ciência geográfica até ser concebido historicamente, fruto das produções de trabalho, reflexo e condição social, experienciado, rico em simbolismos; por consequência, multidimensional (CORRÊA, 2000). Resultado da transição do feudalismo para o capitalismo, da mudança de dois polos de forças para a multiplicidade de fenômenos, concebe-se o espaço urbano fragmentado e articulado, reflexo e condicionante social, conjunto de símbolos e de lutas que, representado sob o aspecto de formas espaciais, por definição, é desigual (CORRÊA, 1999).

Esta primeira parte do ensaio foi elaborado sob o esforço da leitura de estudiosos que foram elevados à categoria de discurso central da Geografia, ao longo de sua evolução como ciência. Percebe-se que, diante da complexidade que caracteriza a pós-modernidade (LYORTARD, 1988; MORIN, 2005; HARVEY, 2005), a ciência deve permitir movimento e possuir mecanismos de reestruturação. Pode-se dizer que essa não deve ser uma preocupação somente no campo da Geografia, mas deve permear todas as áreas do saber.

Em seguida, se apresenta a tentativa de construção de uma interlocução entre o conceito de espaço produzido na academia e discursos de sujeitos que constroem o espaço urbano. Pode-se dizer que se trata de uma lacuna na Geografia, por se considerar a priori, dar voz a sujeitos sociais marginalizados pelo viés do Gênero, que se configura na representação das espacialidades das masculinidades.

O CONCEITO 'ESPAÇO': UM PARADIGMA PARA A GEOGRAFIA?

Não é preocupação recente a delimitação de um objeto de estudo na ciência geográfica. O espaço, caracterizado por Kant como condição inicial para entender a sociedade, surge como estatuto científico da geografia (CORRÊA, 2000; GOMES, 2010), elemento que, por vezes, determina o que é e o que não é conhecimento geográfico. Assim como Gomes (2010), é possível questionar o fato de os estudos geográficos serem



definidos pela posse de um objeto – o espaço.

Dissertar sobre o espaço é apontar em direção a um elemento real, ficcional e mítico, por isso contraditório. Corresponde compreender essa evolução desde a concepção de uma planície isotrópica até a geografia da diferenciação de áreas, do sagrado ao profano, da totalidade à complexidade das relações, das contradições aos reflexos e condicionantes da sociedade: o espaço geográfico.

Das leituras do espaço por filósofos, naturalistas, etnólogos aos ensaios de geografia humana; dos estudos contemporâneos sobre o espaço, a técnica e o tempo para uma leitura do urbano em sua cotidianidade vê-se que a distribuição espacial da sociedade reflete o movimento do modo de produção que, no fluxo do tempo e do espaço, torna-se o ponto central de discussão da própria ciência.

Quando se volta o olhar para o estudo da ciência geográfica, se percebem nuances das várias correntes de pensamento. No que diz respeito à consonância nos discursos, a procura do entendimento das dinâmicas do espaço se dá pelas escolas francesa e alemã, no século XIX, que constituíram a base da Geografia como ciência.

Já no século XX, geógrafos anglófonos apontaram elementos importantes para a compreensão do espaço em suas contradições. No Brasil, Milton Santos merece atenção especial pela sua vasta obra e pelos seus esforços de entendimento das dinâmicas do espaço. No século XXI, o que se percebe é a tentativa de trazer novas faces do real a partir de perspectivas espaciais, descartando especialidades e permitindo a leitura das multiplicidades de perspectivas dos fenômenos.

Concebido na forma absoluta, relativa e/ou relacional, o espaço pode ser entendido como o recorte do real, como resultado da diferenciação de áreas, na emergência das redes, tendo foco no lugar e, multidimensional, quando da visualização de práticas sociais distintas (CORRÊA, 2000).

A perspectiva teórica centrada no materialismo histórico e na dialética concebe o movimento social da humanidade em uma evolução espiralada, portanto, fruto das relações sociais estabelecidas é resultado de sua própria história. Por isso, para se realizar uma analogia espacial na pós-modernidade é necessário internalizar a noção de um espaço historicamente localizado. Assim, a concepção de espaço confunde-se com a noção de identidade (HALL, 2006).

Assim definido, o espaço, na Geografia, pode ser apresentado a partir de diferentes abordagens.

Segundo Corrêa (2000), Kant concebe o espaço, assim como o tempo, como condição a priori, ou seja, não prescinde de construção histórica. É racional, prático e com



uma identidade fixa e estável. O conceito de espaço vital, de cunho político, proposto por Ratzel, configura o espaço como o próprio Estado (MORAES, 1990). Assim, o equilíbrio estava vinculado à necessidade dos recursos e na manutenção/expansão territorial.

Para Hartshorne (1978), o espaço é estudado pela diferenciação de áreas. O espaço é absoluto, uma entidade distinta, física e real, por fim, empírica. A lógica do planejamento urbano fez com que o espaço tivesse caráter relativo, resultado da necessidade de organização dos espaços da cidade.

Com as demandas exigidas pela sociedade capitalista do pós-Guerra, a revolução teórico-quantitativa prescindia de modelos, entendidos como quadros interpretativos do real. O planejamento urbano e o estudo da configuração espacial eram intensos, o que exigiu dos geógrafos interpretações objetivadas pela compreensão do cenário econômico da sociedade. Essa concepção foi muito debatida e criticada pelos estudos que as sucederam, principalmente pela ênfase dada à análise do desenvolvimento econômico em detrimento ao estudo das desigualdades sociais.

A geografia humanística e cultural tem na identidade espacial, no sentimento, na emoção e no lugar seu principal argumento para se estudar a sociedade. O significado de espaço para essa corrente é a assunção de que espaço e lugar são intrínsecos ao modo de ser/estar no mundo, definido por meio da valorização das pessoas, sentimentos, crenças e percepções, do local em detrimento ao global. O ser humano, ao mesmo tempo em que se relaciona com outras pessoas, interage com o ambiente físico. O sujeito é espacial e dotado de intenções, que se revela em ações características da cultura.

Baseada no materialismo histórico e dialético, a geografia crítica privilegia o estudo das relações contraditórias da sociedade. Oriundo da teoria crítica, David Harvey (1980), tem na localização e na distância (redes) o foco de investigação geográfica de diferentes fenômenos. Nos estudos de Harvey (1980, 2005, 2006), a compressão espaço-tempo traz uma noção convincente para a análise do conteúdo social e do significado experiencial. Concebida no seio do capitalismo, trata da convergência espaço-tempo e da aceleração dos eventos. A capacidade do capital em transferir recursos na escala planetária em detrimento do local sugere que a compressão espaço-tempo pode relegar o papel do lugar na sociedade. É na mobilidade e velocidade inerentes da sociedade pós-moderna que se desafia qualquer tentativa de precisão na definição da natureza do espaço-tempo.

O espaço abstrato, baseado na teoria da superestrutura de Marx privilegia a análise por meio da lógica econômica, com a ideia de totalidade. Assim sendo, Santos (1978) propõe quatro categorias de análise para o estudo do espaço: forma, função, estrutura e processo.

- 
- Forma (aspecto visível, objetos – a cidade)
 - Função (atividade desempenhada – comércio, serviços)
 - Estrutura (interrelações de todas as partes de um todo – espaço urbano)
 - Processo (aspecto invisível, espacialidade + temporalidade – o urbano)

Santos (1978), quando concebe o espaço como a quarta instância da sociedade, em que a estrutura espacial – o espaço – é uma estrutura subordinada-subordinante, reabre um filão de estudo para a Geografia: a categoria de análise ‘espaço social’. Em contrapartida, encontra-se em Souza (1989), uma crítica ao que o autor chama de projeto burguês, já que as análises partiam da totalidade (um espaço utópico baseado no modo de produção e na superestrutura). Com isso, alertava também para a criação de um saber autônomo, denominado ‘espaciologia’.

O espaço social, ou o que poderia se denominar, pós-moderno, ou ‘outros espaços’ de representação, baseado nas ideias de Foucault (1967), preenche a lacuna entre o “interno” e o “externo” – entre o pessoal e o mundo público. O espaço na pós-modernidade não é essencialmente histórico, nem biologicamente definido, é resultado de uma multiplicidade de identificações. O espaço assume diferentes características em diferentes momentos, ou seja, não existe a necessidade de uma metanarrativa de “nodal”, de núcleo duro e coerente, e sim traz a ideia de fragmentação.

Com essas considerações, é possível privilegiar formas espaciais, processos antagônicos e contraditórios e, ao mesmo tempo, recriar o conceito de se e estar no tempo e no espaço, o que resulta na própria capacidade de interpretar o mundo que se apresenta.

Costa e Haesbaert (1989), ao conceber um ensaio sobre o espaço na escala de uma metrópole, são tentados a recorrer ao espírito da modernidade. Ao traduzir o conceito ao aspecto político-econômico (o território), apontam para a emergência de uma nova ordem que privilegie as especificidades culturais, além da sobrevivência e reprodução materiais.

A necessidade em tornar as práticas espaciais multifacetadas e a partir da abordagem do indivíduo na sociedade, surge o fenômeno da virada espacial, também como crítica ao modo de produção capitalista. Michel Foucault, em uma conferência em 1967, ao trazer o conceito de heterotopia, não só lança um desafio, mas provoca os estudiosos do espaço a considerar a existência de espaços até então renegados nos estudos geográficos: os ‘outros espaços’.

Henri Lefebvre (1976, 1999, 1981, 2001) faz uma leitura do espaço pela tríade



percepção espacial, espaço vivido e realidade. O espaço, contraditório, é produto da reprodução das relações sociais de produção, assim reflexo da própria sociedade. Essa dinâmica é utilizada para explicar a natureza multifacetada do sujeito, permite a integração de diferentes concepções espaciais como parte de um quadro coerente e destaca a importância das noções de espacialidades experienciais.

A partir da noção de heterotopia de Michel Foucault (1967), concebe-se espaço e realidade como elementos das diferentes modalidades espaciais. Como elementos constitutivos do sistema dinâmico espacial, mobilizado pela sociedade, avança na relação entre espaço físico, narrativa e representação.

Na mesma linha, Doreen Massey (2008), em seu livro intitulado “Pelo espaço” também dá pistas para uma abordagem alternativa do espaço, articulados a partir de três proposições: o espaço é produto de interrelações, é a esfera da possibilidade de existência de uma multiplicidade de fenômenos e está sempre em construção.

Outra contribuição importante é dada por Gillian Rose (1993) ao dissertar sobre o espaço paradoxal. Para Rose, o espaço é multidimensional, multiescalar, por isso, é a própria identidade do sujeito plurilocalizado. Rose (1993) faz o jogo das posicionalidades dos sujeitos, tendo no corpo, nos discursos e nas fantasias as proposições de espacialidades de gêneros.

Edward Soja (1993), assim como David Harvey (1980, 2005a, 2005b) também são pensadores da chamada virada espacial, fenômeno recente na Geografia humana, pelo estabelecimento de discussões sobre temas contemporâneos e a inserção do espaço na pós-modernidade. Baseado nas ideias de Michel Foucault (1967), Soja e Harvey também pensam a hermenêutica dos espaços: “os outros espaços”.

Sem a intenção de restringir o entendimento do conceito tampouco reduzi-lo a meros descritores em seu quadro evolutivo, o espaço, na ciência geográfica, pode conter as configurações expostas no quadro a seguir.

Corrente de pensamento

(1870 ? ±1950)

(1950 ? ±1970)

(1970 ? ± ...)

(1970 ? ± ...)

Virada espacial

(1970 ? Séc. 21)



Assim sendo, estas reflexões permitem (re)examinar as diferentes concepções de espaço, para assim, compreendê-lo como resultado das produções dos seres humanos. Reflexões importantes que permitem localizar sujeito e espaço e, além disso, questionar a existência de um espaço que não tenha como premissa a própria existência da humanidade.

2 SUJEITO/ESPAÇO: O GÊNERO COMO PONTO DE PARTIDA

Relações complexas e mudanças caracterizam os jovens que vivenciam as cidades. Sua característica subjetiva permite que seu curso de vida seja experienciado e diversificado pela sua capacidade de se adaptar a uma variedade de situações. Não é incomum, portanto, para a juventude, vivenciar espacialidades tanto da família quanto de grupos agregados a um mesmo ponto de interesse. De que maneira o jovem dá sentido a esses movimentos e transições que caracterizam suas vidas? Como essas situações atingem suas vivências espaciais? Quais são os contextos espaciais dos jovens masculinos que vivenciam a cidade?

Muitos adolescentes usam discursos próprios no grupo em contraste com suas falas de residência. Esse movimento atesta a fluidez e a mutabilidade de sua identidade, onde discurso inexistente sem posicionalidade do corpo.

Além de atestar sua espacialidade na residência, os jovens também experimentam mudanças de identidade em relação aos espaços urbanos. Certas áreas urbanas são altamente suscetíveis ao sentimento do medo, sendo necessário suportar o peso do fluxo e refluxo das novas gerações que surgem, da alta rotatividade de tendências e de comportamentos. A necessidade de reafirmação das espacialidades em que vive faz com que a juventude reaja à mudança em vários momentos.

O estudo pretende explorar as dimensões espaciais da vida urbana de jovens do sexo masculino, por meio da lente de seus discursos espaciais e sua cotidianidade. Ao abrir uma janela para o estudo de vivências de jovens urbanos em um contexto de cidade de médio porte, pretende-se criar um caleidoscópio espacial com a finalidade de examinar como a juventude urbana é afetada pela perspectiva do medo. Ao analisar os aspectos funcionais da vivência desses jovens se podem entender as complexas espacialidades e discursos que os jovens exteriorizam.

Embora a juventude urbana não sofra com a necessidade da mutabilidade de seu



cotidiano, suas espacialidades são limitadas pela necessidade de reafirmação. O simples ato de vivenciar certas áreas pode apresentar uma situação arriscada. Com o aprofundamento das relações espaciais que vivencia cotidianamente, o jovem reconhece os lugares que aceitam sua posicionalidade.

Muitos jovens evitam a exposição em certas áreas, pois são forçados a pensar esses espaços como espaços excludentes, outros já experienciam o assédio e o medo desde seu ingresso no mundo da adolescência. No entanto, a juventude aprende a gerenciar esse movimento excludente. Muitos reconhecem esses espaços interditos (SILVA, ano), em que passam sem necessidade de movimento de guarda ou em outros onde criam mecanismos de defesa como alternância de lugares, mudanças de estilo de roupa e de contexto grupal. Essas tensões provocadas pela alta rotatividade resulta em novas percepções da própria espacialidade vivenciada.

Muitos adolescentes jovens em comunidades de baixa renda são confrontados com situações de significativa tensão. As diferenças entre os grupos de adolescentes variam, porém, algumas responsabilidades definem seus papéis de gênero por meio da textualidade/oralidade, em suma, o discurso.

Os jovens do sexo masculino vivem realidades próprias de gênero, esse movimento afeta sua posicionalidade dentro do grupo. Suas respostas ao papel de gênero desempenhado resulta do discurso da responsabilidade, seja na defesa ou constituição do grupo a que pertence. O resultado é a incompatibilidade entre os interesses o que resulta na marginalização de certos sujeitos. Raramente os adolescentes têm um espaço para repensar suas espacialidades. Muitos lidam com o fato da liderança, porém são forçados a pensar como membro pertencente a um grupo que não necessariamente imagina um futuro voltado para a mudança.

Dissertar sobre a construção social do espaço se faz necessário para compreender a confluência de fatores que determinam o urbano. Foucault, quando fala das relações de poder como um emaranhado de forças no espaço que produzem espaços interditos.

É preciso repensar as práticas espaciais da juventude enquanto uma categoria social. Nesse sentido, se faz necessário compreender as dinâmicas da pós-modernidade, em particular no que diz respeito a compressão do espaço-tempo (HARVEY), e as forças simbólicas produzidas.

Pensar na espacialidade do sujeito implica especificamente repensar as práticas espaciais e a posicionalidade dos corpos num contexto de sua identidade. A textualidade assim como o discurso e o corpo é quem definem a posicionalidade do sujeito. Assim, para Certeau (1998), o “espaço é discursivamente mapeado e corporalmente praticado”.



É necessário entender o contexto do urbano para compreender as espacialidades onde os jovens se sentem mais fragilizados ou em que julgam mais familiares. Essas experiências dos jovens expostos a vulnerabilidade dão pistas para compreender a própria dinâmica do espaço urbano. A complexidade que se apresenta no espaço urbano que os jovens do sexo masculino enfrentam deve ser considerada ante a análise dos discursos.

Com a certeza de contar com uma gama de possibilidades para o entendimento do espaço, é necessário compreender o sujeito/espacialidades a partir de diferentes discursos, no que envolve suas corporeidades e o range de possibilidades que apresentam em sua cotidianidade.

Assim, a pesquisa surge da necessidade de dar voz a discursos ocultos da ciência geográfica, em particular, das percepções de Gênero. Diante de invisibilidades e ausências de estudos que englobem representações sociais e espacialidade, este trabalho vem a contribuir para novas percepções do urbano.

Procura-se entender de que maneira ocorre a representação social do medo em relação a noções convencionais de masculinidade. De que maneira jovens moradores de periferias pobres de Ponta Grossa, Paraná, tomam a identidade social de “ser homem”; como se dá seu discurso e quais são as implicações da tipificação desses sujeitos. Concentra-se assim, em responder às questões sobre ser masculino e sua representação do gênero. O fato de detectar uma forte ligação entre relatos de medo e respectivas espacialidades promoveu a ideia de que as masculinidades desses adolescentes se compõem pelo elemento do medo, mesmo que ele apareça como um subproduto das agressões que eles têm realizado.

Para dar sentido a esses momentos de avaliação e identificação, introduzem-se as noções de espacialidade, posições imaginárias psico-discursivas e representações sociais, para que se inicie um diálogo com o estudo da masculinidade.

Geógrafos anglo-saxões como Peter Jackson (1991), Linda McDowell (1991) e Robert Connell (1995), avaliam a existência de uma tomada de consciência gradual sobre a possibilidade de mudança nas relações de gênero e assimilam a importância do estudo da masculinidade, considerando que o avanço surgiu do processo de amadurecimento político dos movimentos.

No mesmo bojo de pesquisas a respeito da masculinidade, Doreen Massey (1995) aponta para a dualidade residência/escritório proposta na profissionalidade, sendo a



espacialidade do profissional de alta tecnologia do sexo masculino em Londres, definida em função de sua produtividade.

Pode-se dizer que a ciência geográfica ocidental contemporânea tem privilegiado um padrão hegemônico em detrimento a elementos marginalizados. Neste sentido, este projeto de pesquisa parte da preocupação central de dar voz a sujeitos que produzem o espaço urbano, em particular, a masculinidade periférica. Também tem a intenção de observar as tensões da realidade, a fim de compreender a influência da masculinidade de grupos de adolescentes ao interagirem com culturas locais e suas práticas espaciais.

Ao investigar as práticas cotidianas de adolescentes do sexo masculino, de baixa renda, no exercício de suas masculinidades em um município de médio porte, busca-se compreender de que maneira esses sujeitos estabelecem suas relações e, por conseguinte, como constituem suas espacialidades.

Subsidiado pela teoria das representações sociais (MOSCOVICI, 1978), busca-se analisar os discursos de experiências vivenciadas por jovens marginalizados, ressaltando a importância do caráter geográfico frente ao fenômeno, ao explorar os fatores que influenciam na caracterização da exclusão social desses grupos.

Buscou-se a teoria das representações sociais proposta por Moscovici (1978), por permitir explorar a realidade social dos fenômenos em suas relações de interdependência e dinamicidade. Neste sentido, as interações entre os fenômenos sociais e seus componentes, em vez de coexistir em categorias individuais como ponto de partida da pesquisa empírica e teorização, assume que pensamento e comunicação são multifacetados e heterogêneos.

Percebe-se que somente a teoria de Moscovici, mesmo privilegiando a comunicação e a intertextualidade, não dá conta de traduzir a espacialidade e a temporalidade do fenômeno. Parte-se então do pressuposto que, para compreender as relações sociais do grupo ora especificado, se faz necessária uma análise de suas representações socioespaciais.

De acordo com Connell (1995), a tarefa de “ser homem” envolve assumir uma negociação com a “masculinidade hegemônica”. Nesse sentido, a identidade masculina é constituída por meio de suas estratégias, de cumplicidades ou em oposição à normatividade. Connell argumenta que a personificação do sujeito masculino não é um dado. Entre a variedade de formas possíveis de masculinidade, no entanto, são as masculinidades hegemônicas que sobressaem nas relações de poder.

Judith Butler (1990) considera a espacialidade dos sujeitos como resultado do esforço performático, sendo sua identidade resultado da tríade corpo-discurso-relações de poder.



Com base nessa literatura e tendo como ponto de partida a natureza relacional e múltipla de gênero, se realizará uma pesquisa empírica com adolescentes do sexo masculino, de baixa renda, de diferentes áreas urbanas de Ponta Grossa, PR, a fim de levantar construções de gênero, de lugar e sua identidade. Busca-se, também, ressignificar os conceitos de representações sociais, espaço urbano, identidade e masculinidade, procurando dar sentido à espacialidade dos fenômenos.

REFERÊNCIAS

- BUTLER, J. *Gender trouble: feminism and the subversion if identity*. London: Routledge, 1990.
- CAPES. Banco de Teses. Disponível em: < <http://capesdw.capes.gov.br/capesdw/> >. Acesso em: 10 maio 2012.
- CAPES. Portal de Periódicos. Disponível em: < <http://periodicos.capes.gov.br> >. Acesso em: 10 maio 2012.
- CLIFFORD, James. *Routes: travel and translation in the late 20th century*. Cambridge: HUP, 1997.
- CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- CONNELL, R. W. Políticas da masculinidade. *Educação & Realidade*, v. 20, n. 2, p. 185-206, jul./dez. 1995.
- CORRÊA, R. L. Espaço, um conceito-chave da geografia. In: CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. C.; CORRÊA, R. L. (Orgs.). *Geografia: conceitos e temas*. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- CORRÊA, R. L. *O espaço urbano*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1995.
- FOUCAULT, M. *Outros espaços*. (1967). In: MOTA, M. B. (Org.). *Michel Foucault: estética – literatura e pintura, música e cinema*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009. (Coleção Ditos & Escritos 3)
- GOMES, P. C. C. Um lugar para a Geografia: contra o simples, o banal e o doutrinário. In: FIORAVANTE, K. E.; PEREIRA, R.; ROGALSKI, S. R. (Orgs.). *Geografia e epistemologia: ciência viva e dinâmica, aberta e plural*. Ponta Grossa: UEPG, 2010.
- GOMES, P. C. C.; HAESBAERT, R. *O espaço na modernidade*. Terra Livre, São Paulo, v. 5, n. 1, 1989.
- GOTTDIENER, M. *A produção social do espaço urbano*. 2. ed. São Paulo: Edusp, 1997.
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

- 
- HARTSHORNE, R. O que se entende por geografia como o estudo da diferenciação de áreas. In: HARTSHORNE, R. Propósitos e natureza da Geografia. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1978.
- HARVEY, D. A justiça social e a cidade. São Paulo: Hucitec, 1980.
- HARVEY, D. A produção capitalista do espaço. São Paulo: Annablume, 2005a.
- HARVEY, D. Condição pós-moderna. 14. ed. São Paulo: Loyola, 2005b.
- JACKSON, P. The cultural politics of masculinity: towards a social geography. Transactions of the Institute of British Geographers, v. 16, n 4, p. 199-204, 1991.
- LEFEBVRE, H. A revolução urbana. Belo Horizonte: UFMG, 1999.
- LEFEBVRE, H. Espacio e politica: el derecho a cidade II. Barcelona: Península, 1976.
- LEFEBVRE, H. La production de l'espace. Paris: Anthropos, 1981.
- LEFEBVRE, H. O direito à cidade. 4. ed. São Paulo: Centauro, 2001.
- LYOTARD, J. F. O pós-moderno. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1988.
- MASSEY, D. B. Pelo espaço: uma nova política da espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.
- MASSEY, D. Masculinity, dualisms and high technology. Transactions of the Institute of British Geographers, v. 16, n 4, p. 487-499, 1991.
- MCDOWELL, L. Life without father and ford: the new gender order of post-fordism. Transactions of the Institute of British Geographers, v. 16, n 4, p. 400-419, 1991.
- MORAES, A. C. R. Ratzel. São Paulo, Ática, 1990.
- MORIN, E. Ciência com consciência. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- MOSCOVICI, S. A representação social e psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- ROSE, G. Feminism e geography: the limits of geographical knowledge. Cambridge: Polity Press, 1993.
- SANTOS, M. (1978). Por uma geografia nova: da crítica da geografia à uma geografia crítica. 6. ed. São Paulo: Edusp, 2004.
- SILVA, Joseli Maria (Org.). Geografias subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidade. Ponta Grossa: TodaPalavra, 2009.
- SILVA, J. M.; ORNAT, M. J.; CHIMIN JUNIOR, A. B. Espaço, gênero e masculinidades plurais. Ponta Grossa: TodaPalavra, 2011.
- SOJA, E. W. Geografias pós-modernas: a afirmação do espaço na teoria social crítica. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.
- SOUZA, M. L. Espaciologia: uma objeção crítica aos prestigiamentos pseudo-críticos do espaço social. Terra Livre, São Paulo, v. 5, n. 1, 1989.



8

